

O tipo social do manezinho da ilha e do malandro carioca

The social type of the little man from the island and the trickster from Rio de Janeiro

Paula Cruz Pimentel¹
Antônio Dimas Cardoso²

Malandro não pode se intimidar se o destino o derruba, mesmo sem ajuda, tem que se levantar.

(Arlindo Cruz)

RESUMO: Neste trabalho propomos uma discussão sobre autores clássicos das ciências sociais brasileira: Sérgio Buarque de Holanda (1936), Gilberto Freyre (2003) e Roberto DaMatta (1997), com objetivo de realizar uma interpretação histórica e sociológica de dois tipos sociais genuinamente brasileiros - o manezinho da Ilha e o malandro carioca - personagens que estão no imaginário social da cultura brasileira. Esses personagens representam identidades culturais de duas regiões brasileiras divergentes: o Sul e o Sudeste do Brasil com as suas particularidades em seus processos históricos, econômicos e culturais, que através de tipos sociais culturalmente divergentes contam sobre a memória regional e nacional.

Palavras-Chave: cultura, história, memória, malandragem, cidade

ABSTRACT: In this work we propose a discussion about classic authors of Brazilian social sciences: Sérgio Buarque de Holanda (1936), Gilberto Freyre (2003) and Roberto DaMatta (1997), with the aim of carrying out a historical and sociological interpretation of two genuinely Brazilian social types - the manezinho da Ilha and the malandro carioca - characters that are in the social imaginary of Brazilian culture. These characters represent cultural identities of two divergent Brazilian regions: the South and Southeast of Brazil with their particularities in their historical, economic and cultural processes, which through culturally divergent social types tell about regional and national memory

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS na Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes, MG. E-mail: Paula.pimentel_@hotmail.com.

²Doutor em sociologia pela Universidade de Brasília/UnB, docente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS na Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes, MG. E-mail: Antonio.dimas@unimontes.br.

Keywords: culture, history, memory, trickery, city.

O presente trabalho tem como alicerce a discussão teórica sobre dois tipos sociais³: o *malandro carioca* e o *manezinho da Ilha*⁴, ambos figuram naquilo que seria uma construção do imaginário coletivo quando problematizamos o que nos define como brasileiros, levando-se em consideração que nossa formação cultural possui referências das mais diversas etnias, sendo três delas a africana, a indígena e a europeia. Para isso, autores clássicos como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta ajudam-nos a pensar sobre as identidades que nos constituem enquanto povo brasileiro. É nesse sentido que este trabalho objetiva esboçar uma comparação entre estes dois tipos sociais genuinamente brasileiros: o malandro carioca e o manezinho da Ilha.

Considerados referências nas Ciências Sociais, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Roberto DaMatta contribuem para o entendimento em tela, principalmente quando discutimos nossa formação enquanto povo brasileiro ao lançarem luz sobre essa comparação dos tipos sociais à medida que vão descrevendo o *ethos*⁵ brasileiro em suas obras. Importante ressaltar que a escolha das obras: *Raízes do Brasil*, *Casa Grande & Senzala* e *Carnavais, malandros e heróis* para o presente artigo deu-se pela possibilidade de esboçar aqui alguns pontos que se encontram entre esses principais desses autores, pela ousadia das teorias sociais que abordam e por recaíram nos ombros deles a responsabilidade de terem fabricado uma imagem positiva do “homem híbrido”, sobretudo pelo fato de eles abordarem a questão da identidade brasileira através de um viés culturalista.

Não podemos nos esquecer de que no Brasil, nas últimas décadas do século XIX, tivemos o fenômeno social das ondas migratórias estimuladas pelo governo como uma política que objetivava o estímulo do “embranquecimento das raças”. Como exemplo, temos os italianos e os alemães, que na condição de trabalhadores imigrantes substituíram a mão de obra escrava, e fizeram parte dessa política de embranquecimento, pois as ideias eugenistas chegaram também ao grupo de gestores integrantes do governo brasileiro, que compreendia que o legado africano seria uma espécie de “degradação das raças” a lá Nina Rodrigues (1862-1906), o intelectual eugenista que dedicou-se a uma antropologia pautada em ciências

³ Segundo a sociologia compreensiva de Max Weber (1979), um tipo ideal é um modelo para a interpretação dos acontecimentos sociais que serão analisados.

⁴ A expressão completa é *manezinho da Ilha de Florianópolis*, em Santa Catarina. Para o corpo do presente artigo, optamos por utilizar a expressão em seu uso popular: manezinho da Ilha.

⁵ Na perspectiva da sociologia e da antropologia, o *ethos* são os costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo.

como a Biologia e a Física. Em detrimento da perspectiva culturalista, Nina Rodrigues acreditava que a mistura de raças seria a grande responsável pela nossa degradação física e moral.

Nesse viés, ressaltamos a importância da interpretação culturalista de Gilberto Freyre que rompe com tais modelos teóricos eugenistas, na tentativa de uma elaboração do *ethos* brasileiro. Na perspectiva de Freyre, no caráter do homem híbrido estariam suas qualidades, a essência do ser de sua “plasticidade cultural portuguesa” (Freyre, 1957, p. 191). Também o antropólogo Darcy Ribeiro compartilha da ideia de enaltecimento das qualidades do hibridismo cultural em sua obra: *O Povo Brasileiro* (1995). Em suas palavras, no documentário⁶ sobre este livro, Darcy defende que “o brasileiro é um povo único e original” por ter em sua formação colonial diversidade em sua composição étnica e cultural.

Fato é que não somos um povo que foi transplantado de outro lugar, como os norte-americanos que migraram da Inglaterra. Somos, sim, uma mistura de culturas de diversos continentes que resultou na união de um tipo social: o brasileiro. E é nesse processo de formação cultural que Buarque e Freyre apontam para a presença desse caráter plástico que permitiu a convivência das etnias dos mouros portugueses, dos povos originários que aqui já se encontravam e, posteriormente, dos africanos que foram submetidos, compulsoriamente, ao regime de escravidão.

Desse grande caldeirão cultural emergiram tipos sociais com nossas particularidades regionais. Entretanto, temos também características que nos unem enquanto brasileiros, sendo uma delas a de *homem cordial*, que, na visão de Buarque, é movido por suas emoções. É nesse sentido que nos inspira os tipos ideais traçados por Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil* (1936), ensaio que inspirou-se no tipo ideal weberiano para a caracterização do brasileiro, apoiando-se na sociologia compreensiva do autor clássico alemão Max Weber até então ignorada pela intelectualidade do país.

As reflexões de Buarque sobre os tipos ideais – o aventureiro, o trabalhador, o sementeiro e o ladrilhador – evidenciam a presença da cultura ibero-americana e fez transparecer o processo de construção de nossa identidade histórica. Para tanto, propomos comparar neste artigo os dois tipos sociais que fazem parte da nossa formação identitária enquanto brasileiros: o tipo social do manezinho da Ilha e o tipo social do malandro carioca. Os apontamentos aqui apresentados serão pautados nas características culturais divergentes

⁶ O documentário “*O Povo Brasileiro*” (2000) foi realizado com a direção de Isa Grinspum Ferraz e exibido em formato de série. Neste filme, o antropólogo Darcy Ribeiro é entrevistado sobre a sua obra “*O Povo Brasileiro*” (1995) que discorre sobre a formação étnica brasileira e seus aspectos culturais.

entre os dois objetos por ora em análise. Também levar-se-á em conta nosso imaginário coletivo no que se refere à construção das identidades locais e nacionais.

Para ilustrar o tipo social do malandro carioca, a obra do antropólogo Roberto DaMatta, *Carnavais, malandros e heróis* (1997) ajuda-nos a traçar esse paralelo. Já para a identidade do manezinho da Ilha, fizemos algumas pesquisas bibliográficas no banco de dados de teses e dissertações da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC -, que possui diversos trabalhos acadêmicos sobre a identidade do manezinho, dentre eles, *O discurso do manezinho: o que antes era xingamento, virou elogio* (2017), do historiador George Alves de Barros e o artigo *O que é ser manezinho?*, de Dorival Gonçalves Santos Filho (2014).

Primeiramente, temos que considerar as particularidades de cada lugar como formador da identidade cultural. A Ilha de Florianópolis é conhecida pela miscigenação entre a cultura açoriana – da Ilha dos Açores – e os nativos indígenas, que resultou na persona do manezinho da Ilha. Por outro lado, a cidade do Rio de Janeiro constituiu a identidade do malandro carioca, que representa o homem híbrido brasileiro com elementos incorporados da cultura africana, indígena e europeia.

Nas duas situações, temos o homem do litoral – sendo um do Sul do Brasil e o outro da região Sudeste. Consideramos a cidade do Rio de Janeiro como uma de nossas representações de formação da identidade brasileira por sua importância histórica, tendo em vista que o Rio de Janeiro foi a segunda capital do país, a partir de 1808, transferida de Salvador. Observemos que as duas cidades, Rio de Janeiro e Florianópolis, passaram por reformas urbanas no início do século XX, acompanhando modelos de reformas estrangeiras, tendo como referência da época, as reformas estruturais da cidade de Paris. Intelectuais, gestores e políticos acreditavam que era preciso modernizar as cidades brasileiras, desse modo, foram realizadas as reformas do “bota-abaixo”, geridas pelo prefeito da capital, Francisco Pereira Passos, entre 1902 e 1906.

Assim, foram alargadas as ruas, dando lugar a grandes avenidas. Além disso, havia uma preocupação recorrente com as epidemias em áreas consideradas degradadas da cidade em que morava uma população pobre, em habitações coletivas – os cortiços. Pensando nisso, foi traçado uma política higienista de controle sanitário, como a imposição da vacina da varíola, em 1904, que resultou em uma revolta popular⁷.

Apesar de a capital ter sido transferida para Brasília em 1960, a cidade do Rio de Janeiro carrega uma marca identitária que expressa os elementos de nossa cultura que nos une

⁷ Sobre a revolta da vacina In: *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, de José Murilo de Carvalho.

enquanto brasileiros: o samba, o futebol, o carnaval. Para além disso, o carioca carrega essa representatividade da “alma brasileira”. O Rio de Janeiro é uma cidade com um importante legado cultural que vai da arquitetura colonial à dimensão das artes; da gastronomia e da linguagem devido a ter sido uma colônia portuguesa que teve um desenvolvimento acelerado em relação às demais cidades que realizaram suas reformas urbanas mais tardiamente.

Quando pensamos nos tipos sociais, estes são personagens extraídos do ambiente cotidiano, que representam nossa maneira de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas, com as pessoas e expressam nossas práticas sociais. Dessa forma, temos o malandro carioca, figura cosmopolita do litoral, galante e sedutor, que sabe se livrar de qualquer enrascada em que se mete, ou seja, um sujeito que sabe lidar com o imponderável. Nas palavras de DaMatta, “um ser deslocado das regras morais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás, definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se” (DaMatta, 1997, p. 263). Nessa mesma linha de raciocínio, assinala Sérgio Buarque de Holanda:

Somos notoriamente avessos às atividades morosas e monótonas, desde a criação estética até às artes servis, em que o sujeito se submete deliberadamente a um mundo distinto dele: a personalidade individual dificilmente suporta ser comandada por um sistema exigente e disciplinador (Holanda, 1995, p.155).

Desse modo, temos outro tipo social, o personagem do manezinho da Ilha. Incorporado a essa figura está a cultura açoriana. Na imaginação coletiva, surge como um personagem matuto e desconfiado que vive longe do centro urbano, associado a suas localidades como Ribeirão da Ilha, Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa⁸ – que representam esses núcleos de colonização açoriana na Ilha. Tais lugares possuem uma arquitetura colonial portuguesa, intensa atividade pesqueira, produção de rendas de bilro⁹, além da tradicional festa Católica de Nossa Senhora da Lapa e do Divino Espírito Santo.

Na historiografia sobre a formação étnica catarinense, o açoriano, migrante provindo da Ilha dos Açores¹⁰, é retratado como um personagem acomodado, rotulado de maneira pejorativa, ao contrário do migrante alemão, considerado um trabalhador produtivo. O

⁸ Ribeirão da Ilha e Santo Antônio de Lisboa são distritos de Florianópolis, enquanto que Sambaqui é um bairro.

⁹ No século XVIII os imigrantes portugueses açorianos levaram para a Ilha de Santa Catarina a cultura da renda de bilro. As rendeiras da Ilha são consideradas personagens da história local que foram passando de geração a geração a arte, principalmente nas localidades do Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa e Lagoa da Conceição.

¹⁰ Segundo a obra *As Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis* (2015), realizada pelo IPHAN, os migrantes com destino ao litoral catarinense eram provindos da Ilha dos Açores e da Ilha da Madeira. A coroa portuguesa incentivou a colonização do povoamento a partir do ano de 1748 (2015, p. 29).

açoriano era visto como aquele que não sabia lidar com a terra, mantendo sua tradição na atividade pesqueira.

Um dos intérpretes do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda, fez uso de sua sociologia compreensiva para descrever minuciosamente a tipologia do trabalho e da aventura. O português da Ilha dos Açores possuía esse espírito aventureiro e de subversão das regras sociais. Segundo Holanda, “o português manifestou uma adaptabilidade excepcional, mesmo funcionando com desleixo e certo abandono em face da diversidade reinante, o espírito de aventura foi o elemento orquestrador por excelência” (Holanda, 1995, p. 14).

No capítulo sobre nossa herança rural, Buarque evidencia que os portugueses não eram uma civilização tipicamente agrícola, por isso ficou a cargo da mão de obra escravizada africana a manutenção do trabalho nas grandes lavouras. Colabora também Gilberto Freyre para tal afirmação em *Casa grande & Senzala*: “sentiu o português com o seu grande senso colonizador, que para completar-lhe o esforço de fundar agricultura nos trópicos – só o negro. Mas o operário africano disciplinado na sua energia intermitente pelos rigores da escravidão” (Freyre, 2003, p. 169).

Por esse motivo, o colonizador português encontrou no negro africano o elemento necessário e de caráter utilitário para o sucesso da colonização nos trópicos, sendo uma característica que o diferenciava, a experiência com a cultura agrícola, diferentemente do português e do indígena. Contudo, neste período, sem a mão de obra escravizada teria sido inviável o desenvolvimento de uma colonização latifundiária em algumas regiões do país, como foi no Rio de Janeiro. A manutenção do sistema *Casa Grande & Senzala* que foi “a expressão sincera das necessidades, dos interesses, do largo ritmo de vida patriarcal que os proventos do açúcar e o trabalho eficiente dos negros tornaram possível” (Freyre, 2003, p. 21).

De maneira diferente aconteceu na região Sul do Brasil. Por volta de 1748, iniciou-se uma colonização com ênfase na migração de casais açorianos e madeirenses, incentivada pela Coroa Portuguesa na Vila de Nossa Senhora do Desterro, cuja intenção era apenas o povoamento das terras catarinenses para a manutenção e resguardo desse território. “[D]e acordo com os editais de alistamento, para cada casal que viesse colonizar a Ilha de Santa Catarina era prometido um quarto de légua em quadro”¹¹.

Diferentemente de outras regiões do país, a colonização de povoamento da região Sul foi pautada na agricultura de subsistência, uma vez que, tendo que se adaptar ao novo

¹¹ Trecho extraído do dossiê de tombamento do IPHAN, intitulado *As Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis* (2015, p. 36).

território, o caráter plástico do português contribuiu para a assimilação de alguns elementos da cultura indígena, como a introdução em sua alimentação da farinha de mandioca, do milho e do feijão, mas também conseguindo manter sua atividade pesqueira na região da Armação, na Ilha de Florianópolis.

Décadas mais tarde, nos anos 1980¹², a identidade do manezinho é ressignificada pelas mídias (jornais e televisão) e passa a ser visto com simpatia pelos catarinenses da cidade e do interior, com o seu jeito de falar rápido e chiado onde sua marca é a pergunta: “tash tolo, tash?”, de maneira irônica.

Para ilustrar essa figura local, apresentamos o exemplo mais conhecido na Ilha – a do pescador Darci¹³. Ele é interpretado pelo compositor e músico da banda florianopolitana Dazaranha¹⁴, Moriel Adriano da Costa. Moriel sempre está presente nos eventos e festas locais para exposição de sua apresentação *stand up comedy*. O mais interessante desse personagem é perceber que se o telespectador não domina os códigos culturais locais, acaba por não entender o enredo das histórias das aventuras de Darci, um nativo matuto pescador de fala muito chiada e rápida¹⁵.

Darci é o típico mané da Ilha; suas características de personalidade compõem-se de ingenuidade, inocência, irreverência e deboche. Possui também sua maneira de se vestir inspirado no nativo manezinho: camisa careca escrito “I love tainha”, calça, galocha, chapéu grande de palha e óculos escuros; ao passo que o malandro carioca, uma figura popular no Brasil todo, retratada pela literatura e cinema brasileiro, representa um personagem urbano. O antropólogo Roberto DaMatta compara-o ao personagem de Pedro Malasartes¹⁶, “vestido com sua camisa listrada, anel com efígie de São Jorge e sapatos de duas cores em sua caracterização urbana” (DaMatta, 1997, p. 264).

¹² BARROS:2017

¹³ Vídeo do show *stand-up comedy* do músico e compositor Moreal da Costa na plataforma *youtube*, link de acesso: [Mané Darci: Moriel da Costa at TEDxFloripa \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=ManéDarci), acessado em 10/05/2024.

¹⁴ A banda Dazaranha, também conhecida por Daza, é uma banda brasileira de reggae rock alternativa da Ilha de Florianópolis/SC. É composta por cinco integrantes que produzem as suas próprias letras e arranjos musicais inspirados na cultural popular florianopolitana.

¹⁵ Lembramos de que na primeira vez que assistimos às aventuras de Darci não era possível conseguir entender quase nada do que o personagem dizia, enquanto todos riam alto da apresentação, estava claro naquele momento que para quem não pertencia àquele lugar seria impossível compreender os códigos culturais que estavam presentes nas histórias narradas. Essas narrativas ilustram a vida pacata e humilde do pescador Darci, suas aventuras com o choque da vida urbana e a vida interiorana, ligada à natureza da Ilha.

¹⁶ Personagem tradicional da cultura portuguesa presente nos contos da Península Ibérica, posteriormente, se tornou também personagem da cultura brasileira. Sua personalidade foi descrita pela literatura como um ser burlão, criativo, invencível, astucioso e cínico. No cinema, o personagem de Pedro Malasartes foi representado pelo ator brasileiro Amácio Mazzaropi, em “As aventuras de Pedro Malasartes”, no ano de 1960.

Foi o porto da cidade do Rio de Janeiro, o principal porto de entrada de africanos escravizados no Brasil e nas Américas - o Porto do Cais do Valongo¹⁷ – nele, chegavam milhões de escravizados africanos com destino às lavouras. Nesse contexto, a presença africana foi sendo assimilada em nossas práticas culturais: nos terreiros de umbanda e candomblé (religiões de matrizes africanas); na música brasileira com o samba como uma forma de resistência e; nas danças, como a capoeira¹⁸ e o jongo – todas expressões culturais brasileiras.

A figura do malandro, boêmio, mulherengo e cheio de artimanha está representada no bairro da Lapa – berço da boemia carioca. Por esse motivo, foi construído lá o Santuário do malandro, que se tornou ponto turístico. O malandro é tão presente em nossa cultura que temos a tarefa aqui de resgatar suas origens e trazer à luz como surgiu esse personagem em nossa sociedade. Não podemos nos esquecer de que essa entidade do malandro está associada a nosso sincretismo religioso de matriz africana – a religião umbanda – na figura do Zé Pilintra, ligada à falange do malandro presente no mundo simbólico de nossa sociedade.

As vestimentas do malandro carioca, como são conhecidas, são compostas de chapéu de estilo panamá, calça e terno branco e possui a bengala como acessório. Este tipo social, muito esperto, sabe sambar como ninguém, joga capoeira e frequenta os barracões de escolas de samba. É uma figura genuinamente popular que agrega símbolos culturais importantes na formação da identidade brasileira: a religião, a música e a dança.

No Rio de Janeiro, diferentemente de Florianópolis, a abolição da escravatura, em 1888, provocou uma mudança mais aguda na estrutura social, dado o número maior de ex-escravizados que foram abandonados à própria sorte. Muitos ficaram nas fazendas ainda sob o regime patriarcal; outros se aventuraram em refazer a vida na cidade.

Na transição de um Brasil rural para um Brasil urbano, a política do planejamento urbano baseada nas reformas “bota-abaixo”, que aconteceram no período da passagem do século XIX para o século XX, em que expulsava-se os habitantes das áreas mais degradadas da cidade, os grupos de espoliados da cidade do Rio de Janeiro se resumiam a ex-escravizados e migrantes nordestinos (ex-combatentes da Guerra de Canudos) que estavam à margem da

¹⁷ Construído em 1811, o porto foi criado pela Intendência Geral de Polícia da Corte do Rio de Janeiro. O objetivo era retirar da Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março, o desembarque e comércio de africanos escravizados que eram levados para as plantações.

¹⁸ A capoeira até 1930 era proibida no Brasil, sendo vista como uma atividade subversiva de vadiagem. Aquele que era flagrado praticando o esporte podia ser preso. O Presidente Getúlio Vargas, no Estado Novo foi quem promulgou a capoeira como esporte nacional.

sociedade e começaram a ocupar os entornos da cidade. Foi assim que as favelas¹⁹ começaram a ser ocupadas pelas famílias mais empobrecidas que foram desalojadas dos cortiços, em decorrência das reformas urbanas dos Prefeitos Barata Ribeiro e, depois, Pereira Passos.

O malandro surge, então, nesse contexto de sobrevivência e luta, símbolo de resistência dos morros cariocas. Conforme explica DaMatta (1979), o malandro está situado na liminaridade que possui uma esfera intermediária, “Pedro não renuncia completamente à ordem, mas também não fica na plena marginalidade” (DaMatta, 1979, p. 301), seu lugar é entre a ordem e a desordem, o justo e o injusto. Detém o poder de ludibriar, tirar vantagem e ser o oposto do mané otário; “o campo do malandro vai, numa gradação, da malandragem socialmente aprovada e vista entre nós como esperteza e vivacidade, ao ponto mais pesado do gesto francamente desonesto” (DaMatta, 1979, p. 269). Flutua entre esses dois campos morais: da honestidade e da desonestidade. A malandragem se configura, nesse sentido, um poder intrínseco ligado à pessoa. O malandro de origem simples e humilde, desprovido de bens materiais, teve que aprimorar seus sentidos de comunicação, de convencimento em suas relações sociais, sendo o rebelde que se move entre o poder de sedução.

Por isso, o malandro representa uma conexão com os grupos mais empobrecidos e marginalizados da sociedade brasileira, pelos mecanismos de expertise que são acionados como modo de sobrevivência aos percalços da vida. A boemia, o samba, o jogo, o biscate de trabalhos informais revelam uma filosofia de vida da malandragem carioca, aquele que vive na liminaridade entre o certo e o errado, com seus mitos religiosos e símbolos que representam sua fé, carregando em seu peito o medalhão com a imagem de São Jorge²⁰, ou um anel em seu dedo.

Em contraposição ao tipo social do malandro carioca, temos o tipo social do mané açoriano, matuto e ingênuo da Ilha de Florianópolis. Imagem viva no imaginário social coletivo, a pessoa do manezinho está ligada aos nativos que vivem em comunidades pesqueiras e de um tempo nostálgico onde a Ilha ainda não era urbanizada, muito menos pensava-se em um desenvolvimento e expansão do setor turístico e imobiliário, conforme aponta o historiador Georgino Barros:

Diante de todas estas transformações que a cidade passava, estava o habitante local que vivia nos bairros mais afastados da cidade, acostumado à sua vida simples, tentava compreender o que se passava com seu bairro, sua rua, seus novos vizinhos. Aos poucos as diferenças de costumes, que num primeiro momento apenas geravam

¹⁹ Uma das primeiras favelas foi o Morro da Providência.

²⁰ São Jorge, um dos santos com maior devoção no Brasil, é um santo de origem Católica, nascido na Capadócia. Ele representa no culto da umbanda e do candomblé o Orixá Ogun. O malandro da religião de matriz africana umbanda está associado à linha de Ogun no candomblé.

estranheza, tanto para o novo morador quanto para o antigo, em muitos casos transformaram-se em rixas e desavenças (Barros, 2017, p.26).

Com a modernização da cidade, assim como aconteceu no Rio de Janeiro, as reformas urbanas foram pautadas na lógica de uma elite interna que priorizava o desenvolvimento da cidade fazendo uso da especulação imobiliária. Consequentemente, resultou no afastamento dos grupos mais vulneráveis do centro da cidade. A Ilha passou pelo processo de gentrificação²¹ com a construção de prédios na Avenida Beira Mar, demolições de prédios históricos e a chegada de muitos migrantes de outras regiões do Brasil, fatores que transformaram a cidade e sua composição social do lugar.

Somado a isso, outras obras também foram de forte impacto na sociedade catarinense, como a construção da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - em 1960, e da Universidade do Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - UDESC - em 1965, que tiveram impacto de transformação na vida dos habitantes locais: “distintas categorias com poderio de compra apareceram, uma classe média diferente dos padrões a que a população estava adaptada trouxe consigo uma nova ótica para a pacata cidade” (Barros, 2017, p. 26).

Todos esses novos elementos da modernidade foram sendo incorporados pelos habitantes, contudo, quando pensamos na identidade local, mesmo afastada do ambiente urbano é a figura do manezinho pescador que ainda prevalece como símbolo cultural do local – a pesca, o pirão de peixe, a tainha, o chapéu de palha e as festividades ligadas ao catolicismo. Nem mesmo a cultura germânica conseguiu prevalecer no território; o que predominou foi a cultura portuguesa.

Para concluir, podemos perceber que existe uma questão de análise sociológica da identidade carioca, estando o manezinho da Ilha situado na esfera da identidade local, com pouco alcance de representação, que não extrapola sua influência para além da cidade de Florianópolis, enquanto que, ao pensar na formação da cultura brasileira, o personagem do malandro carioca consegue expressar – a nível nacional e internacional – nossa identidade brasileira, como o personagem do Zé Carioca²², criado por Walt Disney.

²¹ O conceito de gentrificação (de *gentry*, “pequena nobreza”), no Brasil, ele se refere a um processo social e político que envolve o setor imobiliário que devido a valorização de imóveis em determinadas regiões provocam as transformações das paisagens urbanas, em consequência, reforçam as desigualdades e a segregação urbana entre a classe média, os mais ricos versus as camadas mais empobrecidas da sociedade. Neste processo, os mais empobrecidos são expulsos de regiões das cidades para dar lugar a condomínios luxuosos, prédios comerciais, shoppings centers.

²² Ele é retratado como o típico malandro carioca, sempre escapando dos problemas com seu "jeitinho" de burlar as regras sociais, característico de seu personagem.

É nesse sentido que questionamos essa distinção de identidades: o que elevou o malandro a esse nível máximo de representatividade de uma identidade nacional? Mais uma vez recorremos a Gilberto Freyre, com seu viés de uma antropologia culturalista, que já havia decifrado esse enigma sobre o caráter híbrido do brasileiro. Partindo disso, chegamos à conclusão de que o malandro carioca e o manezinho da Ilha representam o hibridismo cultural brasileiro, porém a formação histórica e sociocultural da sociedade carioca possui uma importante distinção quando comparada a sociedade catarinense, esse elemento distinto está na cultura de matriz africana pulsante que se sobrepôs à cultura de matriz portuguesa.

Nossos colonizadores portugueses, com seu passado étnico cultural de influência moura²³, moldaram nos trópicos uma cultura em que prevaleceu um pedaço da África no Brasil, pois a plasticidade portuguesa permitiu a permanência no território.

Freyre chama atenção em sua obra sobre a importância do negro para a formação cultural da sociedade brasileira. O fato é que uma grande quantidade de africanos escravizados foi transportada para o Brasil, permanecendo uma organização social aos moldes da *Casa Grande & Senzala*, “a influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana (...)” (Freyre, 2003, p.33). Ainda segundo observou Freyre, a cultura negra prevaleceu assumindo um protagonismo em relação às demais culturas europeias que aqui chegaram.

Aos poucos, com a transição do Brasil rural para o Brasil urbano, há uma nova reconfiguração de identidades nessas cidades. Enquanto o manezinho da Ilha continua a representar o legado de uma cultura local açoriana, a cidade do Rio de Janeiro – mesmo sendo uma cidade cosmopolita, que recebeu muitos migrantes oriundos de outras regiões, principalmente do nordeste brasileiro, o que resultou dessa miscigenação – foi a figura do malandro negro urbano, descendo as ladeiras dos morros cariocas, essa pessoa-entidade, que se tornou um símbolo de resistência da cultura popular brasileira.

Referências:

BARROS, George Alves de. O discurso do manezinho: o que antes era xingamento virou elogio. Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2017.

²³ Os mouros (africanos de origem muçulmana) vieram da região da Mauritânia, uma província que pertenceu a Roma. Do século VIII ao XV os mouros habitaram a Península Ibérica – período conhecido como a expansão do Império Mouru.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis para uma sociologia do dilema brasileiro*, 6ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1979.

FREYRE, Gilberto. *Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Fundação Gilberto Freyre, Ed. Global, 48ª edição, 2003.

FILHO, Dalmo Vieira, NIZZOLA, Liliane Janine. *As Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis*. Elaboração do Dossiê de Tombamento IPHAN/SC, 2015.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 26. ed., São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

SANTOS FILHO, Dorival Gonçalves. *O que é ser manezinho?*. Work. Pap. Linguíst., 15(1): 84-94, Florianópolis, jan/abr, 2014. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2014v15n1p84>.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.